

**“CIRCUITO SERRA: TRANSITANDO NA QUEBRADA” – UMA
EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM GRUPOS SOCIOCULTURAIS
JUVENIS DO AGLOMERADO DA SERRA (BH/MG)**

Luísa Cristina Nonato
UFMG
luisa.nonato@hotmail.com

Aline Neves Rodrigues Alves
UFMG
alineves2005@gmail.com

RESUMO

O artigo visa compartilhar reflexões acerca de um projeto realizado em 2018 no Aglomerado da Serra, uma periferia urbana localizada na região centro-sul de Belo Horizonte/MG. O projeto intitulado “Circuito Serra: transitando na quebrada” consistiu no desenvolvimento de uma ação política que pudesse proporcionar o encontro e a socialização entre sujeitos, majoritariamente jovens, que compõem doze diferentes grupos socioculturais das diferentes vilas deste aglomerado. Ao escutar os/as participantes, observar as múltiplas formas de apropriação e as suas territorialidades é possível evidenciar o desejo de fortalecimento de suas manifestações artístico-culturais em diálogos entre si e por meio de vínculos concisos e afetivos com o território de moradia, em oposição ao discurso reducionista da violência urbana.

Palavras-chave: Juventudes. Sociabilidade. Territorialidades.

GT – 10: Práticas culturais na produção da cidade

1 INTRODUÇÃO

O Aglomerado da Serra, uma periferia urbana localizada na região centro-sul do município de Belo Horizonte, é o maior conjunto de vilas do estado de Minas Gerais. Seu entorno são as encostas da Serra do Curral – uma importante paisagem de valor simbólico para os/as belo-horizontinos/as – além dos bairros de classe média e alta, como o Serra, o Mangabeiras, o São Lucas e entre outros, que fazem divisa com as vilas dessa comunidade.

Não se sabe ao certo a população real do Aglomerado, mas segundo dados do ano 2000 disponibilizados pela Companhia Urbanizadora de Minas Gerais (URBEL) no portal eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), estima-se que há aproximadamente 50 mil moradores/as na região. Também não se sabe muito bem sobre o início da ocupação das vilas do Aglomerado, mas há evidências de que o bairro Serra foi planejado com a construção de Belo Horizonte e registrado desde a inauguração da cidade em 1897 com o nome de “Chácaras da Serra”. O seu maior crescimento se deu a partir dos anos de 1910¹. Assim, acredita-se que o Aglomerado da Serra existe há mais de 100 anos.

O Aglomerado foi se consolidando a partir da migração e da ocupação do espaço por pessoas vindas do interior do Estado, bem como de outros Estados, com a expectativa de uma vida melhor, isto devido às representações trazidas junto com a construção da capital mineira. Assim, com as contribuições de Berenice Guimarães (1991) e Miguel Almeida (2006), podemos pensar no surgimento das favelas a partir da construção de Belo Horizonte.

“Pelo fato de ser capital, Belo Horizonte tornou-se pólo de atração para pessoas que vinham não só de cidades do interior mineiro, como também de outras localidades do país. Segunda cidade planejada do Brasil, a capital mineira tem pouco mais de um século de existência e convive com problemas que são compartilhados pelos grandes centros urbanos brasileiros. Um deles é o uso e ocupação do solo urbano, que remonta ao planejamento inicial da cidade, no qual não estavam previstos lugares destinados à moradia das famílias dos trabalhadores.” (ALMEIDA, 2006, p. 51)

Oficialmente, o Aglomerado é formado pelas vilas denominadas: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafezal, Novo São Lucas, Fazendinha e Marçola. São vilas que, ao longo da história, também ganharam outros toponímias, como Arara, Pau Comeu, Caixa d’água, Del Rey, Café, Favelinha, Baixada e muitos outros.

¹ Para mais informações sobre o bairro ver Beirão (2012).

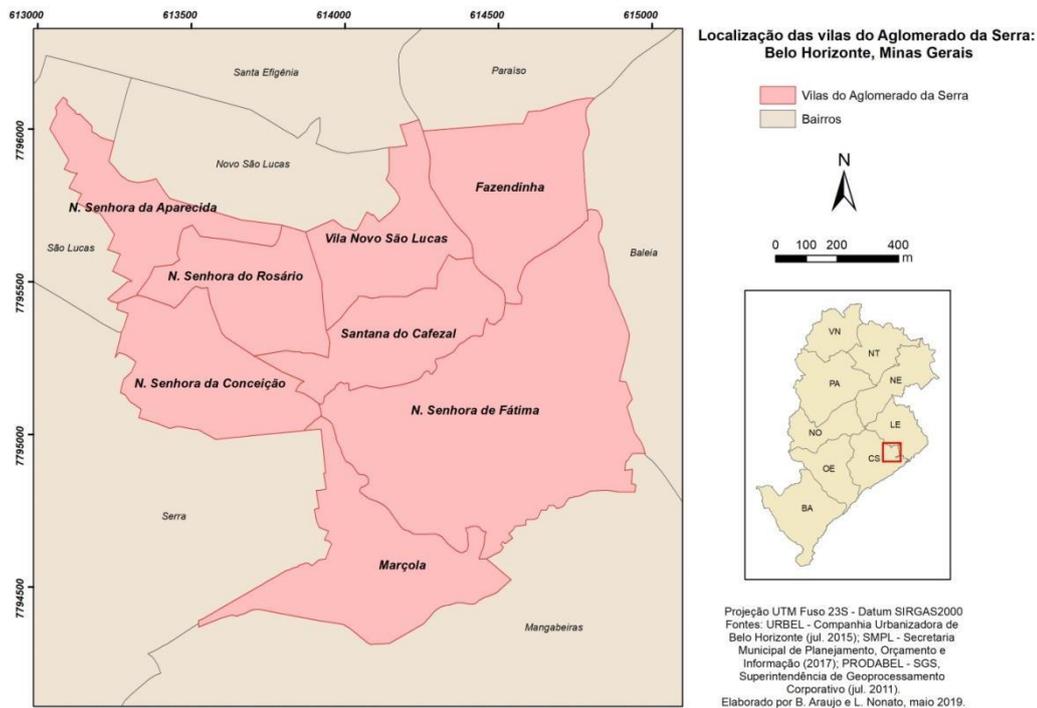


Figura 1: Mapa de localização do Aglomerado da Serra em Belo Horizonte/MG

A realidade cotidiana do Aglomerado da Serra é expressa por inúmeras manifestações artísticas e culturais que marcam a vida na favela e, por isso, muitos grupos se consolidaram em meio a esse cadeirão de práticas culturais no território. (ALMEIDA, 2006) Além dos grupos, coletivos e artistas independentes, há também as pessoas, como familiares e amigos/as, que transitam por muitas das variações de manifestações prestigiando e/ou curtindo os eventos que são organizados, coletivamente, pelos grupos. Dentre os eventos mais atuais e que acontecem periodicamente na comunidade destacam-se as festas juninas – Festa Junina da Rua da Água e a Formação de Quadrilha –, as ações no dia das crianças - Rua de Lazer da Rua da Água; e os festivais – Vizinhança e Quebradas - danças urbanas.

Apesar da riqueza artístico-cultural, alvo de muitos estudos, prevalece ainda na cotidianidade uma visão preconceituosa e estigmatizada dessas expressões pelo fato de serem da periferia. Em muitos casos, os/as próprios/as moradores/as do Aglomerado da Serra tendem a não ver essas práticas como arte e nem a valorizar as diversas manifestações culturais que são também uma ação política.

Porém, cabe destacar que, esta visão estereotipada é também produto das mídias tradicionais que veiculam informações incompletas, deturpadas e/ou de cunho sensacionalista à respeito da periferia. As notícias que ganham espaço nos jornais da metrópole geralmente dão destaque e direcionam o Aglomerado ao lugar simbólico da violência. Assim, se perpetua no imaginário social a ideia de que a cultura produzida, fora do centro, pode ser lida enquanto precária e menos válida.(BUTLER, 2011).

A estrutura do discurso é moralmente construída e sustentada para que leitores/as e expectadores/as, mesmo sendo moradores de periferia, concordem com o que está sendo dito na mídia, de tal modo que ao sermos “reportados [conduzidos] por um Outro[a mídia] faz com que assumamos a linguagem para nós” (BUTLER, 2011, p.22). Nesse sentido, não podemos considerar o discurso como uma coisa pueril, inocente ou vazio de intencionalidade (DIJK, 2012), mas aquele que, nas relações de poder, produz ideias e práticas sobre, e não com, o Outro.

Nesse estudo, não negamos o conflito, mas apresentamos as mobilizações sociais contra modelos discursivos que reduzem as experiências nas favelas. As proponentes do projeto, conscientes do perigo de uma história única (), buscaram realizar uma ação de intervenção com jovens e grupos socioculturais do Aglomerado da Serra, cujo nome é “Circuito Serra: transitando na quebrada”. Um projeto que teve por objetivo proporcionar o encontro e a socialização entre sujeitos, majoritariamente jovens, que compõem doze diferentes grupos socioculturais.

Tendo em vista o compartilhamento dessa experiência educativa entre grupos socioculturais, o presente artigo busca apresentar práticas espaciais que buscam romper com imposições da cotidianidade. E está organizado da seguinte forma: no primeiro momento apresentamos o histórico anterior à escrita do projeto. No segundo momento, apresentamos os grupos socioculturais que foram convidados para as atividades destacando suas principais linhas de atuação. No terceiro, as etapas da execução do projeto (mobilização e comunicação). No quarto apresentamos os encontros formativos que se deram por meio de oficinas temáticas, as quais oportunizaram momentos de socialização e aprendizados entre os sujeitos e os diferentes grupos socioculturais do Aglomerado. No quinto e último momento apresentamos alguns dos resultados dando destaque ao 1º Guia Afetivo do Aglomerado da Serra, um importante instrumento que finalizou as oficinas do projeto. Bem como apresentamos também as considerações finais em que destacamos a importância dos processos formativos e suas temáticas, uma vez que contribuem

para o campo de pesquisa de juventudes sobre suas relações com o território, apropriações subjetivas, identitárias e do espaço urbano pelos sujeitos-alvo do projeto.

2 HISTÓRICO DO PROJETO

O projeto surgiu a partir da participação de três mulheres, moradoras do Aglomerado da Serra, no “II Curso de Promotoras Populares de Defesa Comunitária - 2017”, uma parceria do Ministério Público e da Cáritas Brasileira, por meio do projeto “Diálogos Comunitários”. Dentre as propostas do curso, exclusivo para mulheres, que teve duração de três meses, estava a de fortalecer e incentivar ações de cunho comunitário de mulheres em suas respectivas comunidades de modo a contribuir com a superação de problemas sociais estruturais que afetam as comunidades onde as mulheres são referências.

Assim, após o curso, na tentativa de fortalecimento de uma rede de mulheres que se formou, foi construída a possibilidade de escrita de projetos socioculturais e de intervenção em territórios que as promotoras estivessem atuando. Assim, o curso “Promotoras Populares de Defesa Comunitária em Ação” visou uma formação que pudesse contribuir para sistematizar propostas interventivas que apresentavam potencial para aumentar a efetividade de políticas públicas.

Nesse processo, três moradoras do Aglomerado da Serra que participaram do curso se organizaram para propor um projeto no eixo de “Educação e Cultura”, área na qual todas já tinham experiência e atuação. Com isso, o projeto “Circuito Serra: transitando na quebrada” foi escrito, sistematizado e aprovado em um edital interno, que possibilitou subsídios financeiros para ação, fundamentais para que o projeto pudesse acontecer integralmente durante o período de sua execução.

Esta iniciativa também esteve vinculada ao Observatório da Juventude - um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG - pelo acúmulo de discussões acerca de processos formativos com jovens há mais de 10 anos, bem como pelo fato de uma das promotoras de defesa comunitária atuar como bolsista de extensão no Programa.

Além disso, o projeto também contou com o apoio financeiro, via edital, da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis da UFMG que contribuiu para a elaboração e divulgação de material

audiovisual referente aos encontros², bem como com a possibilidade de envolvimento de outros/as estudantes da universidade na execução do projeto.

O objetivo principal do projeto consistiu no desenvolvimento de uma ação no Aglomerado da Serra para proporcionar o encontro e a socialização entre sujeitos que compõem diferentes grupos culturais e sociais ali existentes, com a finalidade de contribuir para integrar as manifestações artístico-culturais das variadas vilas do território. Dentre as intenções do projeto, estava também a de promover a circulação das pessoas pelo Aglomerado, constituindo-se como um momento de trânsito e de trocas de experiências que possibilitem a todos/as lançarem um olhar mais atento para seu local de moradia, portanto para além dos estereótipos que são marcadores sociais que impõem desvalorização da periferia e conseqüentemente de seus/suas sujeitos/as.

3 OS GRUPOS SOCIOCULTURAIS JUVENIS ENVOLVIDOS

Antes de apresentar os doze grupos culturais e sociais convidados para essa ação, cabe enfatizar o conceito de juventude, no seu plural como sugere Juarez Dayrell (2016), pois:

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem, e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que adotamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. (DAYRELL, 2016, pág. 27)

No desenvolvimento do projeto foram identificados doze grupos culturais e sociais que já desenvolviam ações formativas, nos mais variados formatos, com jovens do Aglomerado da Serra. Dentre esses, havia diversas linguagens artísticas e culturais, como teatro, capoeira, danças urbanas, música, artes marciais e de cunho religioso. Eram diversas também as idades, com jovens e adultos de diversos gêneros, identidades raciais, orientações sexuais e religiões.

Na segunda oficina temática do projeto, intitulada “*Grupos e projetos do Aglomerado da Serra: quem somos nós?*”³ cada grupo participante teve 20 minutos para apresentar suas principais

² Os materiais audiovisuais podem ser acessados pelo link: <https://www.youtube.com/channel/UCTzpXEv-LmKLXSpuT91uG2w>

³ Veja um pequeno vídeo desta oficina por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=CwZdJ95yrBc&t=33s>

ações numa grande linha do tempo que foi sendo construída ao longo dos encontros. Esse recurso metodológico nos permitiu pensar nas diferentes atuações dos grupos, nas dificuldades comuns enfrentadas por eles, e entre outros, que nos informam não apenas o tempo cronológico, mas a dimensão espacial que estes construam histórico e geograficamente junto ao Aglomerado da Serra.

3. 1 OS GRUPOS⁴

Nesse sentido, apresentamos em resumo os grupos que participam desta experiência e suas práticas:

- **BREAKING NA QUEBRADA:** É uma oficina de dança que existe desde 2015 por meio do Programa Fica Vivo!⁵, no Aglomerado da Serra. A iniciativa da oficina surgiu com um dos integrantes do grupo “Amplós Crew” teve o desejo de desenvolver um trabalho social na comunidade para a promoção da cultura hip-hop. O “Amplós Crew” é um grupo independente que existe desde 2008, formado por alguns integrantes do grupo “Guerreiros da Madrugada”, que na época estava vinculado a uma igreja no Aglomerado da Serra.

- **CAPOEIRA ORIGEM:** O grupo “Capoeira Origem” existe há aproximadamente 20 anos. O grupo oferece aulas de capoeira, em todas as suas vertentes, para crianças, adolescentes e adultos, moradores/es ou não do Aglomerado da Serra. Nota-se a aposta na capoeira como instrumento de socialização, saúde, lazer e possibilidade de profissionalização. O projeto possui vários núcleos dentro do Aglomerado da Serra e atua em parceria com escolas, creches e espaços alternativos. O projeto surgiu com o Mestre Bambino, irmão mais velho dos Mestres Vagalume e Pretinho, que iniciou na capoeira em 1986. Em 1998, Vagalume e Pretinho começaram com oficinas voluntárias na quadra da Creche Dona Quita Tolentino, na Vila Cafezal, pois acreditavam na transformação que a capoeira propunha, juntamente com os projetos culturais no Aglomerado. Atualmente, o projeto luta pela construção de um espaço cultural independente, na Praça do Cardoso, que será a sede das atividades do Origem e um importante espaço de lazer para a comunidade.

⁴ Os textos a respeito dos grupos foram elaborados durante a segunda oficina.

⁵ O Fica Vivo! é um programa do governo de Minas Gerais dirigido a jovens de 12 a 24 anos residentes em áreas com altos índices de criminalidade violenta no estado. Desenvolve ações de intervenção estratégicas, de proteção social, além de inclusão de jovens em atividades culturais, esportivas, educacionais e de inclusão produtiva.

- **CIA DOS ANJOS:** É um grupo cultural referência em danças urbanas, que desenvolve trabalhos por meio de diversas modalidades da danças. Surgiu em dezembro de 1999 a partir de uma reunião de amigos/as que estavam inseridos/as numa igreja e tinham o desejo de serem reconhecidos como dançarinos da/na/pela comunidade. O grupo foi pioneiro no Aglomerado da Serra e se tornou uma referência do *break*. Sua inspiração estava em videocliques e filmes. Além disso, tinham como exemplos os dançarinos dos bailes em suas famílias. Uma das grandes influências na época foi o grupo “Guerreiros da Madrugada”. Este grupo se destaca, também, por ter sido o primeiro grupo a ocupar o “Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte”, tendo contribuído com o resgate da cultura *hip-hop* no Aglomerado da Serra. E representa o Aglomerado da Serra em apresentações realizadas dentro e fora do município. Atualmente, o grupo ocupa o espaço do Centro Cultural Vila Marçola durante dois dias da semana e realiza o “Quebradas – danças urbanas”, um festival de dança, cursos e aulões de danças urbanas.

- **LÁ DA FAVELINHA:** O Centro Cultural “Lá da Favelinha” é um ponto de resistência, criatividade e empreendedorismo importante para a cidade de Belo Horizonte. Localizado no Aglomerado da Serra, mais precisamente no Novo São Lucas, iniciou-se quando Mano Beto e Kdu dos Anjos, moradores do Aglomerado, produziram oficina de *MCs* para jovens que moravam na comunidade. O projeto cresceu e atualmente conta com biblioteca, inúmeras aulas, grupos de atividades artísticas diversas, gerenciamento de carreiras de artistas locais, realização de eventos diversos, tanto na comunidade como fora dela, além de colaboradores diversos, o centro cultural transborda com iniciativas que abrangem toda a cidade.

- **BANDA DESAJUSTADOS:** É uma banda formada por membros de uma mesma igreja. A banda realiza atividades de cunho religioso, especialmente no âmbito musical, dentro do Aglomerado da Serra.

- **GRUPO DE ARTES DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DA SERRA:** É um grupo de artistas que são religiosos da vertente protestante que se autointitulam “Comunidade Evangélica da Serra”. O grupo em questão realiza atividades dentro de uma igreja por meio da dança, música e artes cênicas.

- **GRUPO IDENTIDADE:** O “Grupo Identidade” é um coletivo cultural de jovens do Aglomerado da Serra de danças urbanas e artes cênicas, que tem como objetivo fomentar as culturas das favelas, nas quais se inserem todos/as os/as integrantes do grupo. Além disso, criam

espetáculos com a intenção de apresentar outras perspectivas e olhares para as periferias, pautando questões ligadas à identidade e às variadas desigualdades sociais, raciais, de gênero, entre outras. Dentre os espetáculos já construídos pelo grupo ao longo de seis anos, destacam-se: “Poesia por um corpo desonesto”, “Dialéticas das ausências” e “Abre caminho!”.

- **PROJETO ITAMAR:** É um projeto social sem fins lucrativos que existe no Aglomerado da Serra desde 2005. Tem esse nome devido à pessoa fundadora do projeto, o Itamar, e também por ter ficado popularmente conhecido desta forma pelos moradores da região. O projeto trabalha com crianças, adolescentes e jovens da comunidade e tem o esporte como um importante componente educativo. Também trabalha questões como a disciplina e a linguagem. Para isto, o projeto se baseia em oficinas de *tae-kwon-do*, um esporte oriental cujos comandos são ditos em coreano. Além do espaço para treinamento, a associação possui computadores com acesso à internet, que foram disponibilizados pela PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte, uma biblioteca comunitária e também se disponibilizam para a cessão de espaço destinado a outras atividades.

- **MORRO ENCENA:** É um grupo de teatro composto majoritariamente por mulheres e pessoas negras. Possui três grandes eixos que orientam sua atuação: as discussões sobre gênero, direitos humanos e valorização das culturas das periferias. Além disso, o Morro Encena tem como objetivo democratizar o Teatro e as linguagens artísticas, trazendo a perspectiva de um Teatro Favela. O grupo já realizou importantes intervenções no Aglomerado da Serra e em outras quebradas (*sic*), como, por exemplo, um espetáculo de sensibilização sobre a remoção de famílias do Programa Vila Viva⁶. Este espetáculo teve como objetivo contribuir para as reflexões sobre a importância da criação da Praça do Cardoso e a Avenida Jefferson Coelho da Silva, além da construção de apartamentos com o projeto Vila Viva.

- **MOVIMENTO SEU VIZINHO:** O “Movimento Seu Vizinho” (MSV) teve início em novembro de 2014, no Aglomerado da Serra, como um Bloco de Carnaval: o Bloco Seu Vizinho. Em agosto de 2015, realizou sua primeira ‘Oficina de Percussão’ e continua atuante. Em seus quase quatro anos de história, desenvolveu outras oficinas, realizou eventos e ampliou o campo de atuação e

⁶ São obras de saneamento, remoção de famílias, construção de unidades habitacionais, erradicação de áreas de risco, reestruturação do sistema viário, urbanização de becos, além de implantação de parques e equipamentos para a prática de esportes e lazer. As primeiras intervenções tiveram início em 2005, no Aglomerado da Serra.

seu impacto social, tornando-se, em 2018, uma Escola De Artes Periférica e Livre, com foco em música e produção cultural. O MSV mobiliza pessoas em prol de uma transformação social por meio da arte, da cultura, do conhecimento, da economia local e da cidadania, bem como a mistura entre o morro e o asfalto, uma vez que acredita que todo mundo é vizinho, independentemente de onde veio ou de onde mora. Dentre os principais eventos, destacam-se o Carnaval e o Festival Vizinhança.

- **SPYCE DANCE:** É um grupo de dança contemporânea que se baseia em artistas da música pop, como Anitta e Pabllo Vittar, para construírem coreografias e performances. Conta com a participação de jovens que trazem, em suas coreografias, importantes reflexões sobre as representações de gênero nas letras e nas danças. O grupo tem sua formação muito recente, tendo iniciado em julho de 2017. Surgiu a partir de um convite do dançarino Culu, da Cia dos Anjos, que as/os convidou para uma apresentação num evento cultural no Aglomerado da Serra. Após isso, o grupo foi convidado para outras apresentações, como no desfile de carnaval Bloco Seu Vizinho e no Espaço DuMorro, dando continuidade às suas ações a partir de então.

- **PASSISTAS DANCY:** É um grupo de dança que surgiu no Aglomerado da Serra, criado por jovens admiradores/as da cultura do Funk. Além do Funk, o grupo agrega em seus trabalhos o *Passinho Foda*, *House*, *Dance Hall*, *Vogue*, *Afro House*, *Axé*, entre outros. “Passistas” remete ao passinho de funk e “Dancy” se refere a um nome que os grupos usam há muitos anos para se referir às danças de montagens de músicas, muito usado em Belo Horizonte. No dia 16 de janeiro de 2015, o grupo foi criado e, desde então, vem ocupando importantes espaços na cidade com o passinho.

4 NO INÍCIO DO PROJETO: A MOBILIZAÇÃO

Dentre os meses de janeiro e março de 2018, foi realizado o processo de mobilização para as oficinas formativas. Assim, as proponentes desta ação se organizaram de modo a convidar pessoalmente os doze grupos que foram mapeados durante a escrita do projeto. Assim, o convite aos grupos aconteceu em variados dias e horários da semana, tendo sido comunicado anteriormente às lideranças de cada um deles.

Durante as visitas, era apresentado um *power-point* num computador portátil com as principais ações do projeto e o porquê da importância da participação de cada um desses grupos na execução desta ação. Ao final, era entregue uma carta com mais detalhes sobre o projeto, bem



como *links* para as redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *e-mail*) e um pedido para que, quem pudesse, respondesse às perguntas que foram levantadas pelas proponentes por meio de um formulário do *Google*. Dentre as perguntas, havia algumas com dados mais pessoais (nome; nome social; endereço; telefone celular; qual/is grupo/s a seguir você faz parte?; pertence a esse/s grupo/s há quanto tempo?) e outras, que foram fundamentais para o planejamento das etapas seguintes do projeto. A exemplo: Teremos 10 oficinas presenciais. Qual/is dia/s da semana você prefere que elas aconteçam?; As oficinas terão duração de 4hs. Qual horário você prefere que elas aconteçam?; Que comidinha você acha que não pode faltar nesse primeiro encontro? Vamos nos esforçar para contemplá-la! <3; O projeto pretende tratar de nossas experiências como moradores/as do Aglomerado da Serra. Quais temas você tem interesse em discutir nas oficinas? Sinta-se à vontade para escrever sobre o que desejar”.

Ao final do mês de abril, encerramos as contribuições das respostas no formulário e constatamos que os doze grupos responderam às perguntas, totalizando 71 respostas. Vale lembrar que responder às perguntas não era uma condição para a participação no projeto. Assim, destacamos que muitas/os das/os participantes não responderam ao formulário, mas estiveram presentes nos encontros.

Uma outra estratégia de comunicação externa sobre o projeto foram os registros audiovisuais dos encontros e as postagens nas redes sociais, como o *Facebook* e *Instagram*. Esse meio de comunicação foi fundamental para mobilizar um público externo, que não residem no Aglomerado da Serra, para o encerramento das atividades em dezembro de 2018. Assim, destacamos também os textos curtos, as fotografias e os posts diários que movimentavam as redes sociais do projeto.

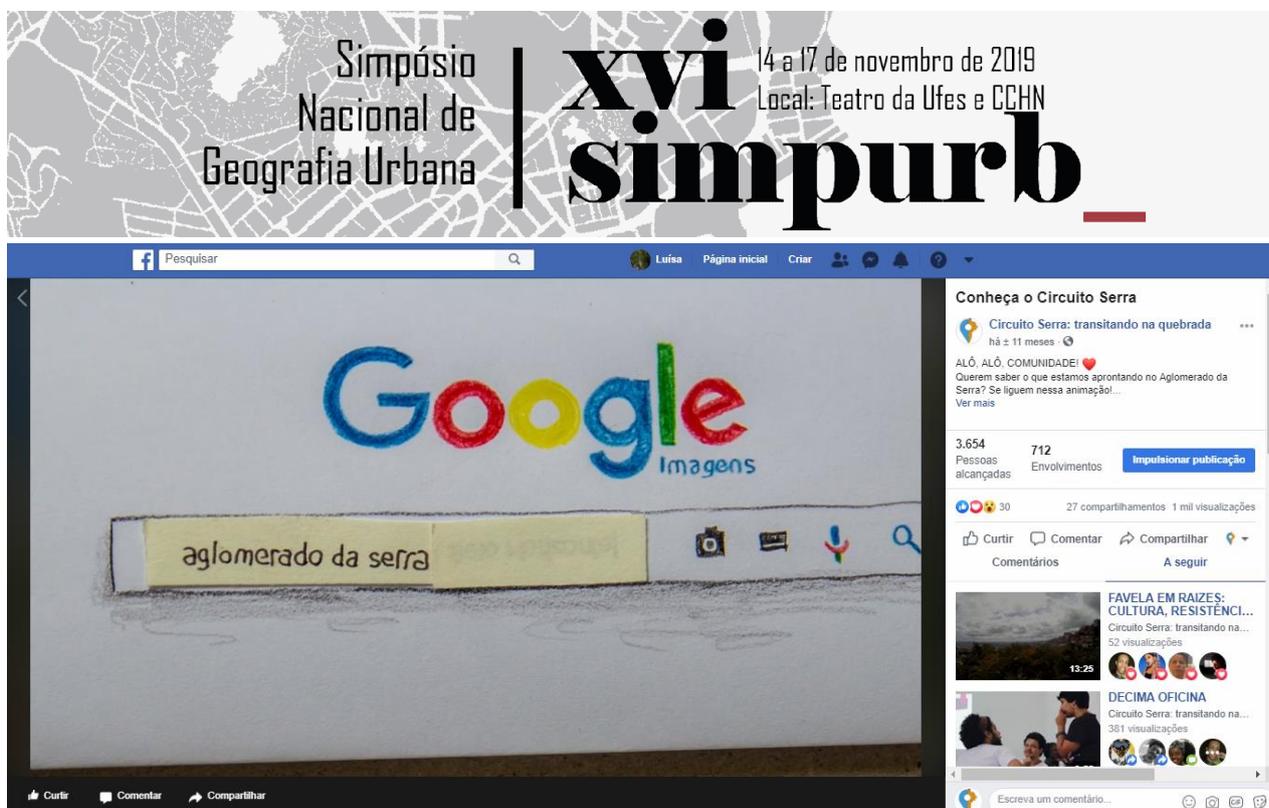


Figura 2: Página do projeto no Facebook.

5 OS ENCONTROS FORMATIVOS

Os encontros formativos do projeto se deram por meio de oficinas temáticas que oportunizou momentos de trocas de experiências entre os sujeitos e os diferentes grupos socioculturais do Aglomerado. Assim, cabe destacar a parceria com o Programa Observatório da Juventude/UFMG que se fez presente na proposta e organização do projeto por se tratar de um Programa que articula veementemente ações de ensino, pesquisa e extensão, através do princípio de indissociabilidade presente na universidade pública, buscando construir conhecimentos e experiências sobre a condição juvenil brasileira, além do seu acúmulo em relação às ações educativas realizadas com jovens e educadoras/es, ao longo de sua produção e trajetória.

No formulário *Google*, os participantes deram pistas de como se daria essa etapa do projeto ao responderem à pergunta: “*O projeto pretende tratar de nossas experiências como moradores/as do Aglomerado da Serra. Quais temas você tem interesse em discutir nas oficinas?*”. Nesse sentido, o primeiro exercício para a construção das oficinas foi, coletivamente, na leitura das respostas das/os jovens, o levantamento de temas considerados prioritários e as/os possíveis convidadas/os para a mediação das oficinas. Assim, vários encontros foram propostos para essa seleção e ao final foi criado um esboço das temáticas (FIGURA 3) e transformados em dez grandes temas, sendo, posteriormente, transformados em planos de oficinas.

DIA	TEMA	EDUCADORES	LOCAL
26/mai	Acolhida aos grupos	Mediado pelas promotoras	Centro Cultural Vila Marçola
07/jul	Grupos e projetos do Aglomerado da Serra: quem somos nós?	Mediado pelas promotoras	Escola Mun. Prof. Edson Pisani
14/jul	Aglomerado da Serra: nosso território, nossas memórias, nossas histórias e nossas identidades.	Reni Cândido e Simone Moura	Centro Cultural Vila Fátima
28/jul	Aglomerado da Serra: uso e ocupação do território e mobilidade urbana	Fábio Diniz e Movimento Tarifa Zero (Ana Carolina, Mario Correa, Leticia Birchal, Cléssio Mendes, Annie Oliedo, André Veloso)	UMEI Capivari
04/ago	Uma cartografia dos espaços educativos do Aglomerado da Serra	Melina Rocha e Bim Oyoko	Espaço do Projeto Itamar
11/ago	Aglomerado da Serra: políticas e políticos	Júnia Morais e Andréia de Jesus	Espaço do Projeto Itamar
01/set	Identidade e raça no Aglomerado da Serra	Sheyla Santana Bacelar e Rodrigo Ednilson de Jesus	Escola Est. José Mendes Jr.
08/set	Questões de gênero no Aglomerado da Serra	Luciana Cezário e Grupo de Teatro Morro Encena (Hérleen Romão, Andresa Romão, Beatriz Alvarenga, Erica Lucas, Thamara Selva, Sandra Sawilza)	UMEI Capivari
15/set	Aglomerado da Serra: discutindo a criminalização e resistência das culturas de periferia	Maíra Neiva, Pedro Lucas (Peoo Black) e Áurea Carolina	Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, durante o II Sarau UBUNTU
22/set	Edital para captação de recursos para grupos e projetos: que bicho é esse?	Carol Abreu e Rômulo Silva	Espaço Instituto BH Futuro
01/dez	Lançamento do Guia Afetivo	Mediado pelas promotoras	Centro Cultural Vila Marçola

Figura 3. Tabela com dados sobre as oficinas

Em cada encontro, dois/duas convidados/as, com pelo menos um “de dentro” do Aglomerado e de “de fora” eram os mediadores das oficinas. Tivemos a preferência para que sempre estivesse presente, dentre os/a mediadores/as, alguém do Aglomerado e alguém de fora. Todas as oficinas aconteceram em diferentes espaços do território, como escolas, centros culturais e associações. (Ver Figura 3)

Assim, consideramos que foi feito, de fato, um movimento no sentido de um circuito cultural, cumprindo um dos objetivos de (re) conhecimento do território. Os encontros aconteceram entre maio e setembro de 2018 em variados equipamentos do Aglomerado, os quais foram escolhidos coletivamente com base na consulta de cada participante do projeto, ligados aos grupos que foram mobilizados para tal ação.

Essa formação sociocultural, na qual nos referimos, está relacionada aos processos formativos e concepção de Educação proposta e assumida pelo Observatório da Juventude no decorrer da sua trajetória, isto é, uma concepção de Educação como processo de formação humana. Assim, nas metodologias proposta para a formação do projeto, assim como todas as formações construídas pelo Observatório da Juventude, parte do pressuposto de que educar é mais que ensinar ou transmitir um conhecimento. Educar implica um processo de formação humana muito mais amplo. Assim, inspirados em autores como Paulo Freire (1996, 2000), Bernard Charlot (2000, 2013) a concepção de educação parte de uma compreensão antropológica da condição humana, entendendo que o ser humano é o único ser vivo que possui uma tripla dimensão: é igual a todos como espécie, igual a alguns/algumas como parte de um determinado grupo social e diferente de todos, como um ser singular. Nesta perspectiva, Charlot (2000) considera que o ser humano é um ser em construção, o que reforça também a ideia do inacabamento do ser humano (Freire, 1996).

Essa breve contextualização sobre o entendimento de educação se faz necessária, pois é ela que alicerça nossas posturas teórico-metodológicas. Entender a educação como formação humana pressupõe reconhecer os sujeitos como seres inacabados, mas, ao mesmo tempo como sujeitos de demanda, de saberes e de desejos. Assim, buscamos desenvolver uma metodologia de trabalho COM as/os jovens envolvidas/os no processo formativo e não PARA as/os jovens. Esta opção contribui significativamente para efetivar a diretriz da interação dialógica, pois reconhecemos que os diferentes saberes são significativos para a formação. Assim, tem como base os princípios da educação popular de perspectiva freiriana, que compreende a relação com o Outro como centro dos processos de produção de conhecimento.

Entendemos que oficinas são práticas pedagógicas que possibilitam a participação de diferentes sujeitos, pois tem como base a utilização de diferentes recursos didáticos, tais como: exposição oral, roda de conversa, dinâmicas, uso de mídias digitais. Ademais, as oficinas primam pela indissociabilidade entre metodologia (o como fazer) e objetivos (o para quê) e, desta forma, os conteúdos do processo de ensino-aprendizagem desaparecem enquanto objetos acabados, para transformar-se em *constructos* culturais passíveis de recriação nesta educação. Ou seja, consideramos que as oficinas proporcionam uma relação entre a teoria e a prática cotidiana dos/as participantes. Assim, desenvolvemos oficinas temáticas que potencializassem a ação-reflexão-ação.

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos resultados do projeto destacamos a possibilidade de, ao longo dos encontros, as/os participantes terem tido a oportunidade re-conhecer os mais variados equipamentos socioculturais de cunho coletivo do Aglomerado, como centros culturais, escolas, creches e associações de moradores/as. Em conversas pelo aplicativo do *whatsApp*, principalmente nos dias de encontro, era possível observar os grupos combinando de se encontrarem para seguir para os locais desconhecidos pelas/os participantes. Assim, cabe destacar que ao longo da execução do projeto foi possível observar as variadas formas de apropriação de grupos socioculturais juvenis dos equipamentos sociais presentes no/do território.

Enfatizamos, também, a elaboração e divulgação do 1º Guia Afetivo do Aglomerado da Serra⁷ - material virtual e impresso que contou com narrativas de moradores/as de várias vilas da comunidade sobre suas relações com o território, bem como com uma breve sistematização da execução do projeto.

Cabe destacar, também, sobre a importante importância dos processos formativos e suas temáticas. Nas avaliações realizadas com os/as jovens e adultos/os participantes, nota-se que o projeto foi compreendido e significado como um espaço educativo caracterizado pela escuta, pelo diálogo, pelo respeito e pelo reconhecimento das diferenças, sendo marcante a sociabilidade e socialização entre pares e com os/as educadores/as convidadas/os, porém não sem conflitos

Sendo assim, cabe destacar que os trabalhos com jovens que mesclam a atuação da sociedade e da Universidade, especialmente no âmbito da extensão, têm mostrado a importância de se buscar construir com as juventudes espaços e tempos de formação integral, em defesa da vida e da dignidade humana, considerando o jovem como sujeito de desejos, alegrias, dores, necessidades, potencialidades, anseios e direitos. E também jovens que produzem uma ação política baseada em experiências coletivas que reivindicam reconhecimento e a produção de uma dimensão espacial alicerçada na ação política e na arte, a partir de suas territorialidades. Ou seja, identidades, corporeidades e subjetividades que configuram o exercício de se romper e/ou inflexionar os discursos baseados na ideia estática de periferia/violência.

⁷ O Guia pode ser acessado por meio do link:

https://issuu.com/projetocircuitoserra/docs/guia_afetivo_do_aglomerado_da_serra

7 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Renato de. **Favela, arte e juventude: pensando a relação entre ações artístico-culturais e identidade no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2006.
- BEIRÃO, Nereide. **Serra**. BH a cidade de cada um. Belo Horizonte, Conceito, 2012.
- BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000
- _____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada**. 1991. Tese (Doutorado) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. Rio de Janeiro.
- DIJK, Teun A. van. **Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva**. (Tradução: Rodolfo Ilari). SP: Editora Contexto, p. 330, 2012.